

XAXADO, PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SERRA TALHADA - PE: BREVE HISTÓRICO E POSSÍVEIS RAZÕES PROMOTORAS DA PATRIMONIALIZAÇÃO

XAXADO, INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE OF SERRA TALHADA, PERNAMBUCO: A BRIEF HISTORY AND POSSIBLE REASONS DRIVING ITS DESIGNATION AS HERITAGE

 <https://doi.org/10.63330/sasciencsv6n2-225>

Submetido em: 21/09/2026 e Publicado em: 05/10/2026

SAS: e26452

José Ferreira Júnior

Doutor em Ciências Sociais (UFCG)

Universidade Regional do Cariri – URCA

E-mail: professorferreirajuniorst@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3587556735419259>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1935-1851>

Resumo

Este texto traz à luz a trajetória histórica da expressão artística xaxado, em Serra Talhada, cidade do Sertão de Pernambuco, da condição de dança estigmatizada socialmente, por sua ligação ao cangaço lampiônico, à de patrimônio imaterial, bem como os desdobramentos de sua patrimonialização. Para a confecção deste texto, foi lançado mão de revisão bibliográfica e de entrevistas feitas com cidadãos serratalhadenses. Como resultado se percebeu ter o xaxado experimentado deslocamento de desfavor social à condição de elemento promotor de identidade e visibilidade ao espaço urbano serratalhadense.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial; Serra Talhada; Xaxado.

Abstract

This text brings to light the historical trajectory of xaxado artistic expression, in Serra Talhada, a city in the Sertão of Pernambuco, from the condition of socially stigmatized dance, due to its connection to the cangaço lampiônico, to that of intangible heritage, as well as the consequences of its patrimonialization. For the preparation of this text, a bibliographical review and interviews with city dwellers from Serra Talhada. As a result, it was clear that the xaxado experienced a shift from social disfavor to the status of an element that promotes identity and visibility in the urban space of Serratalhadense.

Keywords: Intangible Heritage; Serra Carved; Xaxado.



1 INTRODUÇÃO

Este texto traz à luz discussão sobre a patrimonialização da expressão artística xaxado, ocorrida no ano de 2014, na cidade de Serra Talhada, localizada no Sertão pernambucano, às margens da BR – 232 e do rio intermitente Pajeú.

No espaço urbano serratalhadense, berço de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, verifica-se trajetória histórica vivenciada pelo xaxado, dança tida como de invenção cangaceira lampiônica. O xaxado, antes expressão artística estigmatizada (Goffman, 2006), porquanto está ligada a Lampião, vivencia nos dias atuais o status de patrimônio imaterial da cultura local, sendo o primeiro bem cultural imaterial patrimonializado na cidade, mediante a aprovação e sanção da Lei 1404 / 2014, além de a nomenclaturar identitariamente¹.

Buscar entender os desdobramentos dessa patrimonialização é proposta deste texto, que se encontra organizado em duas seções:

Primeiro, mostra como se deu, dentro do campo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o entendimento que a imaterialidade também é constitutiva do patrimônio histórico-cultural de uma sociedade;

Segundo, traz à luz três possíveis razões para que tenha havido, em Serra Talhada, a patrimonialização do xaxado.

2 METODOLOGIA

Para a construção do texto se lançou mão de uma revisão bibliográfica. Foi promovida historicização tanto relacionada à discussão sobre patrimônio no Brasil quanto da trajetória experimentada pela expressão artística Xaxado, em Serra Talhada, Pernambuco. No que concerne ao aporte teórico, lançou-se mão da teoria Weberiana, no referente à ação racional que visa a um fim.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 DA MATERIALIDADE À IMATERIALIDADE: DISCUSSÃO SOBRE PATRIMÔNIO

Os modos de expressão, formas de criar, criações científicas e tecnológicas, obras, objetos, documentos, edificações, destinados às manifestações artísticas ou religiosas, lugares específicos, como, por exemplo, templos religiosos e terreiros de candomblé e ou umbanda, a Constituição Federal brasileira, promulgada em 1988, define como patrimônios históricos e culturais². Somem-se ao dito os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.

¹ Serra Talhada é conhecida nacional e internacionalmente como Capital do Xaxado;

² Deve-se atentar para a diferença entre patrimônio histórico e patrimônio cultural. Este se divide em patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial; aquele, relaciona-se a bens materiais e naturais;



Percebe-se estar albergado constitucionalmente, enquanto consideração de patrimônio histórico cultural, o resultado das ações humanas, nos campos da materialidade e da imaterialidade. Ou seja, a produção cultural humana em sociedade é considerada em seu todo, como diz o artigo 216: “o patrimônio cultural representa os bens [...] de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988).

Todavia, nem sempre foi assim considerada a questão relacionada ao patrimônio cultural no Brasil. O que hoje se verifica é resultado de discussão política e teórica, que é abordada triplicemente pelas Ciências Sociais, como afirma Nestor Canclini (1994):

a) [...] o patrimônio não inclui apenas a herança de cada povo, as expressões “mortas” de sua cultura – sítios arqueológicos, arquitetura colonial, antigos objetos em desuso -, mas também os bens culturais, visíveis e invisíveis: novos artesanatos, línguas, conhecimentos, documentação e comunicação do que se considera apropriado através das indústrias culturais; b) ampliou-se, também, a política patrimonial de conservação e administração do que foi produzido no passado aos usos sociais que relacionam esses bens com as necessidades contemporâneas das maiorias; c) por último, em oposição a uma seletividade que privilegiava os bens culturais produzidos pelas classes hegemônicas – pirâmides, palácios, objetos ligados à nobreza ou à aristocracia – reconhece-se que o patrimônio de uma nação também se compõe de produtos da cultura popular: música indígena, textos de camponeses e operários, sistemas de autoconstrução e preservação dos bens materiais e simbólicos elaborados por todos os grupos sociais. (Canclini, 1994, p. 95).

Antes de possuir esse leque de elementos, o patrimônio cultural brasileiro era restrito às edificações de pedra e cal, majoritariamente templos cristãos católicos da temporalidade colonial brasileira. Em outras palavras, a imaterialidade dos bens culturais era ignorada. Todavia, mudanças político-administrativas no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ocorridas em finais da década de 1970, trouxeram à luz a possibilidade de estabelecer uma nova política relacionada ao patrimônio cultural brasileiro, conforme se verifica na afirmação abaixo: de:

Quando a 27 de março de 1979, ocorreu, pela segunda vez, num período de nada menos de quarenta e três anos, mudança na direção do IPHAN – sendo o arquiteto Renato Soeiro, que ingressara no órgão em 1938, substituído pelo professor Aloísio Sérgio de Magalhães, Coordenador Geral do CNRC – estavam dadas as pré condições para as profundas mudanças que iriam, então, se processar no âmbito do IPHAN – PCH – CNRC. (MEC-SPHAN / PRÓ-MEMÓRIA, 1980, p. 51 *apud* Gonçalves, 1996, p. 74).

A proposta política de Aloísio Magalhães, relacionada à questão do patrimônio cultural brasileiro, caminhava em rota de colisão com a que, até então, vigorava no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN³. Para Aloísio Magalhães, não cabia mais a condição de protetor e preservador do

³ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN);



patrimônio cultural brasileiro, confiada ao SPHAN, desde a sua fundação, em 1937. Na ótica de Aloísio Magalhães, verificava-se na sociedade brasileira industrialização, modernização e significativa complexidade, de sorte que seus problemas culturais “não mais poderiam ser enfrentados e resolvidos satisfatoriamente nos limites institucionais e nos quadros da política tradicional do SPHAN” (Gonçalves, 1996, p. 74).

Desse modo, em um texto de sua autoria, no ano de 1979, Aloísio Magalhães expressa sua opinião acerca do tratamento dado pelo SPHAN, até então, à política de bens culturais brasileiros. Veja-se o registro a seguir:

Nesses 42 anos de existência a instituição (SPAN) prestou grandes serviços à preservação e à restauração de monumentos nacionais de valor histórico e arquitetônico. Reuniu também inestimável acervo de conhecimentos e metodologias especializadas. A instituição permanece, entretanto, voltada, sobretudo para os bens culturais imóveis, de natureza histórica, religiosa ou leiga, a que se juntou posteriormente o conceito de sítios e conjuntos arquitetônicos relevantes (Gonçalves, 1996, p. 74, 75).

Ainda que emita elogios ao SPHAN, no referente ao papel desempenhado de preservação e restauração de monumentos nacionais, Aloísio de Magalhães não deixa de emitir críticas à realidade da instituição que agora estava sob seu comando, ou seja, afirmava que “a política por ela implementada não mais expressaria a complexidade e a diversidade do patrimônio cultural brasileiro” (Gonçalves, 1996, p. 75).

É a reboque da constatação de obsolescência perpassando a política cultural do SPHAN, que Aloísio de Magalhães traz à luz um conceito mais amplo, na busca de dar conta dos bens patrimoniais brasileiros. Trata-se do conceito de “bens culturais”. Acerca dessa ação aloisiana, é dito por Santos (1996, p. 76): “a concepção tradicional de um patrimônio histórico e artístico usado pelo SPHAN por várias décadas é substituída por uma concepção de bens culturais, que cobriria diversas espécies de objetos e atividades”.

No elastecimento do conceito de bem cultural, Aloísio de Magalhães integra ao SPHAN o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC)⁴, que em sua origem satisfazia a intenção dos seus criadores: “estudar e propor uma política alternativa de patrimônio cultural que o novo contexto histórico por que passava a sociedade brasileira estava a exigir” (Gonçalves, 1996, p. 77). Aloísio de Magalhães afirmava ser o objetivo do CNRC “traçar um sistema referencial básico para descrição e análise da dinâmica cultural brasileira, tal como é caracterizada nas práticas das diversas artes, ciências e tecnologias” (Magalhães, 1985, p. 130).

⁴ O Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) foi criado em 1975, por Aloísio de Magalhães e seu grupo, no âmbito do governo federal.



Entendia Aloísio de Magalhães, que a tarefa que recaía sobre o SPHAN não se restringia somente a identificar, tombar, restaurar e preservar monumentos. Tornava-se imperativa a existência de uma nova política que se voltasse para a questão do patrimônio cultural, sendo isso decorrente do fato de que “uma vez que se ampliava o conjunto de objetos e atividades considerados como „patrimônio cultural, mudava o modo como lidar com eles” (Gonçalves, 1996, p. 78).

O entendimento e consequente desejo de Aloísio de Magalhães somente virá a se tornar realidade com a promulgação do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Esse diploma legal determina que são quatro os livros de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, sendo que expressões artísticas, como, por exemplo, o xaxado, serão registradas no Livro III, que é nomenclaturado *Livro de Registro das Formas de Expressão*, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.

3.2 POSSÍVEIS RAZÕES DA PATRIMONIALIZAÇÃO DO XAXADO EM SERRA TALHADA

Antes de adentrar a discussão proposta por esta parte deste texto, convém trazer à luz que a patrimonialização é, antes de tudo, uma ação, ou seja, um agir humano em sociedade que não ocorre sem que haja uma intencionalidade previamente definida, um “desejar que”, enfim, numa linguagem weberiana, trata-se de uma ação racional que visa a um fim (Weber, 2014).

O hoje vivenciado pelo xaxado em Serra Talhada se diferencia significativamente do ontem histórico, década de 1970, experimentado pela dança na cidade, quando a mesma era apresentada pelo Grupo Folclórico Teatral Lampião e o Cangaço no Nordeste, liderado por um artesão, chamado Manoel Martins. Naqueles idos, a dança era estigmatizada socialmente por ser tida como dança de cangaceiro e trazer à luz a memória de Lampião, ou seja, o xaxado sofria estigma social, que se trata “da situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 2006), ou seja, trata-se de uma marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado.

Lampião, quando de sua vida cangaceira, praticou crimes diversos no município de Serra Talhada e, na década de 1970, mesmo com mais de três décadas decorridas de sua morte⁵, alusões ao nome do cangaceiro e ou a elementos a ele ligados eram tidos como afronta aos familiares das vítimas, estas vivenciadoras de uma memória traumática (Seligman-Silva, 2008) e ou amigos desses familiares, vivenciadores de uma memória por tabela (Pollak, 1992).

⁵ Lampião foi morto em 28 de julho de 1938, no interior da fazenda Angico, em Poço Redondo, cidade do Sertão de Sergipe;



Diante do exposto, sabendo-se hoje ser o xaxado patrimônio imaterial da cultura serratalhadense, mostra-se relevante estabelecer discussão acerca de três possíveis razões por que ocorreu a patrimonialização do xaxado em Serra Talhada, através da Lei 1404 / 2014.

3.2.1 A patrimonialização do xaxado como meio de robustecimento da memória lampiônica

Há em Serra Talhada uma tradição lampiônica⁶ inventada nos moldes de Hobsbawm e Ranger (2004), ou seja, ação humana que é estimulada por uma intencionalidade previamente definida, vender turisticamente a cidade (Ferreira Júnior, 2021) e que, na agência de produtores culturais componentes da Fundação Cultural Cabras de Lampião, experimenta permanência através de celebrações (Celebração do Cangaço), comemorações (Tributo a Virgulino), discussões (Seminário Sertão, Beatos e Cangaceiros) e apresentações (teatro ao ar livre: O Massacre de Angico – a morte de Lampião).

O xaxado se apresenta como elemento promotor de alusão à memória lampiônica, elemento glorificado na tradição lampiônica em Serra Talhada, quando lhe é atribuída, discursiva e literariamente, a condição de dança criada por Lampião e seus comandados, conforme se verifica na declaração de Anildomá Willans de Souza, conhecido localmente por Domá, produtor cultural e presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião: “O que é o xaxado? É uma dança de guerra e entretenimento criada pelos cangaceiros de Lampião, no início dos anos vinte, do século XX, em Vila Bela, atual Serra Talhada” (Souza, 2004, p. 128).

Mesmo que não suporte questionamento, visto que seu autor não disponibiliza a fonte consultada, a afirmação feita pode ser considerada estereotipização fenomenológica, que consiste em priorizar o superficial coletivo em detrimento do múltiplo e do individual, gerando “uma linguagem que leva à estabilidade acrítica” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 22).

Percebe-se, dessa forma, que se trata de uma invenção – o xaxado como criação de Lampião e seus comandados – buscando dar reafirmação a outra invenção, a tradição lampiônica, que produz e oferece Lampião como a mercadoria que turisticamente vende a cidade (Ferreira Júnior, 2021).

3.2.2 A patrimonialização do xaxado como ferramenta de reforço de uma identidade social

Como foi dito anteriormente, o xaxado em Serra Talhada é possuidor de um papel funcional relacionado à memória de Lampião. Aqui, cabe definir o que seja memória e, para isso, lançamos mão do que é dito por Pacheco (2017, p. 9), que afirma ser a memória entendida “como a capacidade cognitiva que

⁶ A construção dessa tradição pode ser vista nos meus estudos de mestrado em Ciências Sociais, intitulado A apropriação da memória lampiônica como elemento da construção da identidade de Serra Talhada – PE (2010), disponível em <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/bitstream/riufcg/4234/3/JOS%C3%89%20FERREIRA%20J%C3%9ANIOR%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PPGCS%20CH%202010.pdf>



cada indivíduo tem de evocar mentalmente elementos ausentes”. Todavia, a individualidade memorial encontra reforço na memória coletiva, esta sendo difundida, de acordo com Halbwachs (2006) apud Pacheco (2017, p. 9), “por diferentes processos sociais a que o sujeito que lembra tem acesso”.

Assim, a apresentação do xaxado, mesmo se tratando de uma expressão artística como outra qualquer, não tem em si finalidade última, mas remete à memória lampiônica em todos os aspectos de sua composição. Veja-se a descrição abaixo, feita quando de uma apresentação do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, que pertence à Fundação Cultural Cabras de Lampião, ocorrida em Serra Talhada:

O xaxado é uma dança onde homens e mulheres formam pares e durante a sua evolução dançam separados ou juntos, sempre priorizando o arrastar das sandálias. O acompanhamento musical é feito com sanfona, zabumba e triângulo, instrumental que celebrou o “forró pé-de-serra”⁷. As letras das músicas cantadas durante a apresentação da dança fazem alusão à saga cangaceira lampiônica e geralmente contém versos previamente preparados, que exaltam às figuras de Lampião e ou de Maria Bonita.⁸ A indumentária dos dançantes é aquela que se popularizou afirmar como sendo cangaceira: roupa de caqui, chapéu e sandálias de couro, lenços coloridos, cartucheiros de couro cruzadas no peito, embornais, cabaças, anéis diversos. Não existe um número definido de passos, mas uma sequência previamente ensaiada, cuja desenvoltura exige significativo esforço físico por parte dos dançantes, uma vez que o ritmo empreendido é, em grande parte da apresentação, o baião.⁹ (Ferreira Júnior, 2007, p. 3)

Diante do que se atesta acima sobre a dança xaxado, um exame mais detalhado da questão remete à conclusão que não se enfatiza a dança somente enquanto expressão artística. Há uma supervalorização da dança que decorre do fato de supostamente ter sido a mesma uma invenção cangaceira lampiônica. Assim, quem está em destaque é Lampião, não a dança em si. Abaixo, registro da apresentação do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, em Serra Talhada, quando foi realizada a descrição acima:

⁷ Termo usado para designar o forró tido como original e, por conseguinte, para diferenciá-lo do chamado forró estilizado, que se caracteriza pelo uso de instrumental eletrônico: guitarra, contrabaixo, bateria, teclado, etc.

⁸ Parte dessas canções são atribuídas autoria de Antônio dos Santos, nome real do cangaceiro Volta Seca (vide <https://www.youtube.com/watch?v=O3eoDmfeRsA>, disco gravado em 1957, pelo cangaceiro Volta Seca);

⁹ Gênero musical executado em sanfonas, sempre em unidades de compasso par. Chegou à música popular brasileira urbana através da dupla Luís Gonzaga e Humberto Teixeira;



Fig. nº 1: Apresentação do Grupo Cabras de Lampião, em Serra Talhada – PE



Fonte: Folha de Pernambuco

Desse modo considerado, percebe-se não ser o xaxado algo que possua um fim em si mesmo, mas um meio por que se divulga uma ideologia que, por sua vez, busca cristalizar uma memória oficial e promotora de uma identidade social à cidade de Serra Talhada. Assim, mediante um agir artístico (a dança), transmite-se uma ideologia, um “estoque de verdades” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 22), que se revela a partir de uma complexidade semiótica, observada, por exemplo, na indumentária dos dançarinos e das dançarinas (Ferreira Júnior, 2007).

A relação de simbiose do xaxado com a memória lampiônica é perceptível também por cidadãos serratalhadenses. Isto se revela na declaração de Auricleide Andrade, professora da rede estadual de ensino, registrada por Ferreira Júnior (2010, p. 83): quando afirma:

Quando a gente lembra o xaxado, a gente lembra Lampião. Mas, quando a gente fala de xaxado, aqui, em Serra Talhada, como também aqui, na região do Pajeú, a gente associa. Então, é uma relação, talvez, intrínseca, entre xaxado e Lampião [...], mas, quando se fala de xaxado, se associa a Lampião. (Ferreira Júnior, 2010, p. 83).

De modo assemelhado ao da professora acima citada reporta-se o fotojornalista e policial civil, Álvaro Severo Pereira Lima. Este traz à luz a musicalidade presente nas apresentações de xaxado, em Serra Talhada, como elemento promotor de indissociabilidade entre a dança e Lampião. Veja-se o registro:

Eu acho que é impossível desassociar a dança do xaxado do cangaceiro Lampião. Até porque as letras que são cantadas, pra ilustrar a musicalidade do xaxado, são muitas derivadas de poemas e de versos do cangaceiro [...] Como as músicas “Mulher Rendeira” e “A Morte de Cacheado”, que são músicas que nasceram das conversas, dos combates, dos poemas, do imaginário e dos sentimentos do cangaceiro Lampião. É impossível desassociar (Ferreira Júnior, 2010, p.83).



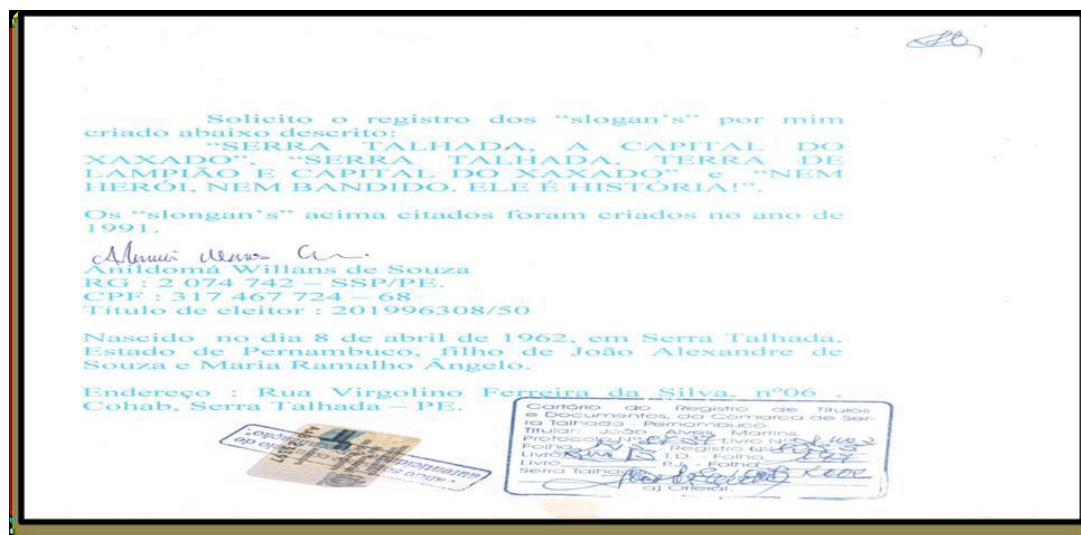
Nas declarações dos cidadãos acima citados revela-se a imbricação que existe entre xaxado e Lampião, ou seja, percebe-se existir uma dinâmica e nela, conforme Pacheco (2017, p. 9), “o patrimônio cultural se torna elemento que provoca, em cada indivíduo, a lembrança de determinada memória coletiva”.

Necessário se faz mostrar que a intencionalidade de construir uma simbiose entre xaxado e Lampião se encontra na ação de Anildomá Willans de Souza, o Domá, produtor cultural e presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião. A corroboração com aquilo que aqui se afirma, vem das palavras do próprio Domá:

Em 1993 ou 1994 eu fiz alguns adesivos para carros que tinha escrito “Serra Talhada: Terra de Lampião e Capital do Xaxado”. Um amigo nosso me chamou a atenção. Fazia parte da gestão do governo conosco e eu tinha todo carinho do mundo com essa pessoa e ele disse: “Olhe, você está mexendo com muita gente com esse negócio de Terra de Lampião. Por que você não usa somente Capital do Xaxado?”. Eu sinceramente gostei da ideia. Eu não vou provocar as pessoas e todo mundo vai assimilar que está ligado a Lampião. Pronto. Aí, eu fui ao cartório e registrei (Ferreira Júnior, 2010, p. 63).

Abaixo, o registro cartorial feito por Anildomá Willans, onde Serra Talhada passa a ser chamada Capital do Xaxado, em substituição à nomenclatura identitária Terra Tricampeã da Beleza Feminina.¹⁰

Figura nº 2 – Registro do slogan: Serra Talhada, Capital do Xaxado



Fonte: Anildomá Willans de Souza, 2022.

3.2.3 A patrimonialização do xaxado como meio de estímulo ao desenvolvimento local

É possível enxergar relação entre patrimonialização do xaxado em Serra Talhada e o fomento do desenvolvimento local? Uma análise mais acurada demonstrará que é positiva a resposta a tal

¹⁰ Essa identidade decorria de uma Tradição Inventada (HOBSBAWM; RANGER, 2004), decorrente do fato de três moças serratalhadenses terem sido eleitas misses Pernambuco, nos anos 1974, 1975 e 1976.



questionamento, partindo-se do pressuposto que, de acordo com Silva (2011), a patrimonialização é uma ação que tem como finalidade fomentar o desenvolvimento através da valorização, revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural.

As iniciativas de patrimonialização de objetos culturais têm, nas últimas duas décadas, experimentado acentuação que, de acordo com Berenstein Jacques (2008), tem por finalidade a revitalização da espacialidade urbana, esta ocorrendo, dentre outras coisas, pela atratividade turística cultural que tais espacialidades promovem aos de fora. Desse modo, as cidades abrem-se à recepção de turistas, procurando seduzi-los com o patrimônio cultural local. Assim,

A competição local por turistas ou empreendedores estrangeiros é acirrada. As municipalidades se empenham para melhor vender a imagem de marca da sua cidade, em detrimento das necessidades da própria população local, ao privilegiar basicamente o visitante, através de seu maior chamariz: o espetáculo. O patrimônio cultural urbano passa, assim, a ser visto como uma reserva, um potencial de espetáculo a ser explorado (Berenstein Jacques, 2008, p. 32).

Não obstante o patrimônio ser possuidor, segundo Choay (2006) de dupla função: saber e prazer. Verifica-se, todavia, quando do uso da patrimonialização para alavancar o desenvolvimento local, uma transformação do valor de uso da cultura em valor de troca, um aproveitamento econômico do bem cultural. Trata-se, conforme Yúdice (2004), do uso conveniente da cultura.

Em Serra Talhada, um dos exemplos do uso de um bem cultural economicamente, no caso o xaxado, é visto, dentre outras ações, na realização do XVII Encontro Nordestino de Xaxado¹¹, conforme mostrado na imagem abaixo:

Fig. nº 3 - Cartaz do XV Encontro Nordestino de Xaxado



Fonte: Fundação Cultural Cabras de Lampião

¹¹ O 17º Encontro Nordestino do Xaxado é uma produção da Fundação Cultural Cabras de Lampião e da Agência Cultural de Criação e Produção, em parceria com a Prefeitura Municipal de Serra Talhada e com a Fundação Cultural de Serra Talhada. O evento tem incentivo do Funcultura, da Fundarpe, da Secretaria Estadual de Cultura e do Governo de Pernambuco. Disponível em <http://cultura.serratalhada.pe.gov.br/serra-talhada-recebera-o-15o-encontro-nordestino-do-xaxado/>



Oferecer aos de fora algo a ser consumido se constitui a operacionalização do turismo, que pode ser concebido, de acordo com Santana (2009, p. 55), como sendo “uma atividade complexa que envolve o deslocamento de pessoas para fora de seu lugar de residência habitual, com intuito de realizar atividades que satisfaçam seus desejos de lazer”.

Em outras palavras, ter a mercadoria (bem cultural) não é suficiente. É preciso alvissarar a existência do bem que se possui e que se quer oferecer para o consumo dos de fora e, neste fazer, necessário se faz a agência de pessoas com funções diversificadas, uma vez que “este empreendimento emprega grande quantidade de profissionais dispostos a popularizar e tornar acessíveis os objetos patrimoniais” (Silva, 2011, p. 7).

4 CONCLUSÃO

É certo afirmar que a ação de patrimonializar bens culturais é, antes de qualquer coisa, algo pensado, por alguém ou por um grupo, que intenciona a satisfação de uma finalidade e, neste agir, haverá um selecionar, que projetará luz sobre um determinado bem cultural em detrimento de outro. Percebe-se, dessa forma, que o pensar é anterior ao agir humano em sociedade, quando da definição do que se irá patrimonializar.

A patrimonialização do xaxado em Serra Talhada não se constitui exceção à regra, ou seja, foi pensada e elaborada por produtores culturais em parceria com membros do Legislativo Municipal, tendo a sanção da lei 1404 / 2014 ocorrido sem qualquer objeção por parte do chefe do Executivo Municipal, à época.

Assim, a observação atenta permite afirmar serem, pelo menos três, as finalidades a que se presta a patrimonialização do xaxado em Serra Talhada: robustecimento da memória lampiônica, que se constitui produto turístico serratalhadense; reforço a uma identidade social, denominada Serra Talhada, Capital do Xaxado e, por fim, estímulo ao desenvolvimento local, visto que eventos envolvendo o xaxado produzem atratividade turística.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr. Durval M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BERENSTEIN JACQUES, P. **Patrimônio cultural urbano**: espetáculo contemporâneo? Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte, 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3229/2347>. Acesso em 12/08/2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.



- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectiva. 2005.
- CANCLINI, Nestor G. O **patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. In: Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, no 23, p. 95 – 105., 1994.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. 3a ed. São Paulo: UNESP, 2006.
- CUCHÉ, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. São Carlos. EDUSP. 2004.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FERREIRA JÚNIOR, José. **Xaxado**: Dança Cangaceira? Recife: GEHISC/UFRPE, 2007.
- FERREIRA JÚNIOR, José. **A apropriação da memória lampiônica como elemento de construção da identidade de Serra Talhada**. Dissertação de Mestrado. PPGCS / UFCG. Campina Grande. 2010.
- FERREIRA JÚNIOR, José. **A memória de Lampião em disputa**: discursos e ações de produtores culturais na região do Pajeú. Curitiba. Editora CRV. 2021.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo. Zahar. 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 2006.
- GONÇALVES, José R S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro. UFRJ / IPHAN. 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Centauro, 2006.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Brasília. UNB. 2011.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PACHECO, Ricardo de A. **O Patrimônio histórico**: objeto de pesquisa do historiador. HISTÓRIA UNICAP, 4(7), 5–14. 2017. Disponível em <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/971>. Acesso em 20-08-2023.
- OLIVEIRA, Pêrsio S. **Introdução à Sociologia**. São Paulo. Atlas. 2010.
- SILVA, Sandra S da. **Patrimonialização e desenvolvimento**. CODE. 2011. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area1/area1-artigo5.pdf> Acesso em 20/08/23.
- SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo**: analogias, encontros e relações. São Paulo. Aleph. 2009.
- SOUZA, Anildomá W. **Nas Pegadas de Lampião**. Serra Talhada: Esdras Graphic, 2004.
- YUDICE, George. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte. UFMG. 2004.



WEBER. Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2014.